

ZANONI

© 2017 – Conhecimento Editorial Ltda

## Zanoni

Edward George Bulwer-Lytton  
(1803 – 1873)

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 — Limeira — SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)  
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Giovanna Louise Libralon  
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-418-8  
1ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
**Conhecimento Editorial Ltda**  
[grafica@edconhecimento.com.br](mailto:grafica@edconhecimento.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Bulwer-Lytton, Edward George  
Zanoni / Edward George Bulwer-Lytton — Limeira,  
SP : Editora do Conhecimento, 2017.  
482 p.

ISBN 978-85-7618-418-8  
Título original: *Zanoni*

1. Literatura inglesa 2. Ficção ocultista I. Título II.  
Libralon, Giovanna Louise

17-1570

CDD – 823

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura inglesa

**Edward Bulwer-Lytton**

# ZANONI

Tradução:  
Giovanna Louise Libralon

1ª edição  
2017



Obras de Bulwer-Lytton editadas pela  
EDITORA DO CONHECIMENTO

- OS ÚLTIMOS DIAS DE POMPÉIA  
2005
  - Rienzi  
2011
    - Vril  
2011
  - Godolphin  
2016
  - Zanoni  
2017

# ZANONI.

BY

THE AUTHOR OF "NIGHT AND MORNING,"  
"RIENZI," ETC.

"In short, I could make neither head nor tail on't."

LE COMTE DE GABALIS.

IN THREE VOLUMES.

VOL. I.

LONDON:

SAUNDERS & OTLEY, CONDUIT STREET.

1842.

Observação. As notas acrescentadas ao texto são, por vezes, do autor, por vezes, do editor. Apontei ocasionalmente (mas não sempre) a distinção; onde esta foi omitida, no entanto, a perspicácia do leitor raramente estará enganada.

## Sumário

Epístola dedicatória.....	9
Introdução .....	12
Prefácio à edição de 1853 .....	16
Livro 1	
O músico.....	29
Livro 2	
Arte, amor e prodígio.....	85
Livro 3	
Teurgia.....	145
Livro 4	
O habitante do limiar.....	239
Livro 5	
Os efeitos do elixir .....	311
Livro 6	
A supertição abandona a fé .....	347
Livro 7	
O reinado do terror.....	373
Nota.....	477
Zanoni explicado por *** .....	480





## Epístola dedicatória (Primeiro prefácio à edição de 1845)

A

John Gibson, R. A.; escultor

Ao perscrutar o vasto e luminoso círculo de nossos grandes ingleses vivos para selecionar um a quem fosse apropriado dedicar esta obra – um homem que, na vida e no gênio, pudesse ilustrar o princípio que busquei transmitir: elevado pelo ideal que exalta, e vivendo serenamente uma gloriosa existência com as imagens nascidas de sua imaginação – ao buscar um homem tal, meus pensamentos detiveram-se em ti. Distante de nossos conciliábulos conspiratórios, da inveja ignóbil e da sórdida rivalidade que degradam e exasperam a ambição do Talento – em teu Lar Romano, tens vivido em meio a tudo quanto, do passado, é mais adorável e imperecível, e tens contribuído, com os propósitos mais nobres e a máxima pureza de espírito, para as dadivosas relíquias que serão deixadas ao futuro. Tendo sido tua juventude dedicada ao labor, que tua maturidade seja consagrada à fama: uma fama livre da mácula do desejo pelo ouro. Escapaste dos dois piores perigos que assediam o artista de nosso tempo, em nossa terra – as tendências aviltantes do comércio e as rivalidades furiosas da competição. Tu não trabalhas teu mármore para o mercado – não foste tentado, pelos louvores que nossa crítica deturpada prodigaliza ao exagero e à distorção, a rebaixar teu bom gosto ao nível do momento; tu vives e trabalhas como se não tivesses rivais senão entre os mortos, nem compradores, salvo nos juízes daquilo que é mais excelente. No divino sacerdócio da beleza, tens buscado tão somente aumentar o número dos adoradores dela e enriquecer-lhe

os templos. Como discípulo de Canova, herdaste-lhe as virtudes, conquanto te tenhas afastado dos erros do mestre – tens a mesma delicadeza dele, mas não a afetação. Pareces-te com ele mais no coração que no gênio: tens o mesmo nobre entusiasmo por tua sublime profissão, e estás, do mesmo modo, excelsamente livre da inveja e do espírito de menoscabo; ostentas o mesmo desejo generoso de não contender com os artistas de tua arte, mas antes de servi-los, auxiliando-os, fortalecendo-os, aconselhando-os, elevando a timidez da inexperiência e as vagas aspirações da juventude. Graças à intuição de uma mente irmanada, igualaste-te em erudição a Winckelman, e em poesia plástica a Goethe, na compreensão íntima do antigo. Cada uma de tuas obras, se devidamente estudada, é em si uma CRÍTICA que ilustra os sublimes segredos da Arte Grega, que, sem o servilismo do plágio, tens ajudado a reviver em nosso meio. Em ti contemplamos os três grandes, e há muito indiscerníveis, princípios daquela arte – a simplicidade, a tranquilidade e a concentração.

Tua admiração dos gregos, porém, não te levou ao preconceito do mero antiquário, tampouco te tornou menos consciente da excelência não reconhecida da grandiosidade do artista moderno, digno de ser teu compatriota – conquanto até que sua estátua esteja nas ruas de nossa capital, seremos indignos da glória que ele derramou sobre nossa terra. Tu não permitiste sequer que tua gratidão a Canova te fechasse os olhos à superioridade de Flaxman. Apenas quando nos apercebermos de nosso legítimo direito à celebridade por aquele único nome é que poderemos procurar um público inglês capaz de realmente patrocinar a Arte Inglesa – e só então.

Assim, a ti, artista cujas ideias falam no mármore, eu, artista das palavras, dedico esta tão caríssima obra de minha maturidade. Não a amo menos por ter sido pouco compreendida e julgada superficialmente pelo rebanho da gente comum: ela não foi escrita para tais pessoas. E meu amor por ela não é maior por ter ela encontrado defensores fervorosos em meio aos Poucos. Minha afeição por esta obra floresce do puro e solene deleite que ela me deu ao concebê-la e escrevê-la. Se eu a tivesse entalhado nas rochas de um deserto, esta manifestação do âmago mesmo de minha mente, em seus momentos de maior

lucidez, ter-me-ia sido igualmente cara; e este deveria, creio eu, ser o sentimento com que aquele cuja Arte nasce da fé na verdade e na beleza dos princípios que busca ilustrar deve considerar sua obra. Tua existência uniforme e santificada, mais serena que a minha, minha sina nega – se meu coração é cobiçoso. Mas nossa verdadeira natureza está em nossos pensamentos, não em nossos feitos: e, portanto, nos livros – que SÃO seus pensamentos – o caráter do autor jaz desnudo ao olhar perspicaz. Não é na vida das cidades – em meio ao tumulto e à multidão; é na tranquilidade, na solidão, na vida mais sagrada que, por algumas horas, de sol a sol, o estudante leva (seu retiro roubado da Ágora à Caverna), que sinto existir entre nós o vínculo daquela afinidade secreta, aquela corrente magnética que mantém unida a eterna fraternidade daqueles cujo ser Zanoni é o protótipo.

Edward Bulwer-Lytton.  
Londres, maio de 1845.

## Introdução

Uma das peculiaridades de Bulwer era sua paixão pelos estudos ocultistas. Eles exerceram seu fascínio sobre o autor desde a tenra juventude, e ele dedicou-se a tais estudos com a seriedade que caracterizou sua dedicação a outros temas. Bulwer ficou absorvido pela tradição dos magos; adquiriu um arsenal de equipamentos mágicos – com varas para transmissão de influências, bolas de cristal em que divisar acontecimentos e pessoas do futuro; e comungou com espiritualistas e médiuns. Os frutos de tais estudos místicos são vistos em *Zanoni* e em *A Strange Story* [Uma História Estranha], romances que foram frutos do amor para o autor e nos quais ele derramou todo o poder que possuía – poder que foi consolidado por leituras variegadas e um apreço instintivo pelo pensamento oriental. Essas histórias excêntricas, em que o autor formulou sua teoria da magia, são de uma natureza totalmente diferente de suas anteriores obras de ficção e, em lugar dos heróis e vilões da vida cotidiana, encontramos seres que pertencem em parte a outra esfera e que lidam com influências e poderes misteriosos e ocultos. Uma vez mais, a antiga e esquecida tradição da Cabala é desvelada: a fornalha do alquimista, cujas chamas foram extintas há séculos, é acesa novamente, e a candeia do rosa-cruz torna a iluminar-se. Nenhuma dentre as outras obras do autor, não importa o quanto tenham sido contraditórias as opiniões sobre elas, provocou tamanha diversidade de críticas quanto as ora mencionadas. Para alguns, elas representam antes uma aberração temporária

do gênio que qualquer pensamento sério ou propósito definido; ao passo que outros, não obstante, as consideram superiores a todas as demais obras do autor no tocante a sua audácia e originalidade de especulação, a sua profunda análise de caráter e a seu interesse instigante. Cremos que a verdade esteja a meio-caminho entre tais extremos. É questionável se a introdução, em um romance, de temas tais como os discutidos em *Zanoni* e em *A Strange Story* não seria uma ofensa ao bom senso e ao bom gosto; mas negar o vigor e a originalidade das concepções de seu autor é tão inadequado quanto o é negar que sua realização seja imperfeita e, por vezes, inábil e absurda.

É com justiça que se diz que a corrente metade deste século é testemunha simultaneamente da ascensão e dos triunfos da ciência, cuja extensão e maravilhas até mesmo a imaginação de Bacon jamais concebeu, e de superstições ainda mais cruas que qualquer uma daquelas em que se acreditava na época de Bacon.

Uma coisa é, na verdade, reação natural à outra. Quanto mais a ciência busca excluir o miraculoso, reduzir toda a natureza, animada e inanimada, a uma invariável lei de seqüências, tanto mais se rebela o instinto natural do homem, que busca uma válvula de escape para aqueles questionamentos persistentes, aqueles 'receios cheios de perplexidade de uma criatura que perambula em mundos de que não tem consciência', refugiando-se em ilusões tão aviltantes como aquelas da chamada Idade das Trevas.

Foi a rebelião diante do gélido materialismo de nossa era que inspirou as reações místicas de *Zanoni* e *A Strange Story*. Dessas obras, que sustentam e complementam uma à outra, uma é a contemplação de nossa vida real através de um veículo espiritual, enquanto é outra intenta mostrar que, sem alguns lampejos do sobrenatural, o homem não é homem, nem a natureza é natureza.

Em *Zanoni*, o autor apresenta-nos a dois seres humanos que alcançaram a imortalidade: um deles, Mejnour, destituído de qualquer paixão ou sentimento, tranquilo, benigno, indiferente, antes um intelecto que um homem; o outro, Zanoni, dis-

cípulo de Mejnour, o modelo de uma vida ideal em sua máxima perfeição, possuidor de juventude eterna, poder e conhecimento absolutos, e detentor de plena capacidade de desfrutar e amar e, como corolário daquele amor, de lamentar e desesperar-se. Devido a seu amor por Viola, Zanoni é compelido a descer de sua condição sublime, perder sua eterna serenidade e compartilhar dos cuidados e ansiedades da humanidade; e sua derrocada é completa com o nascimento de um filho. Por fim, ele abdica da vida que se agarra à vida de outra pessoa a fim de salvar essa outra pessoa, a adorável esposa amada, que o resgatara da solidão e do isolamento. Esposa e filho são mortais, e sobreviver a eles e a seu amor por eles é impossível. Mejnour, no entanto, que é a caricatura do pensamento – pura intelectualidade sem afeição – continua vivendo eternamente.

O próprio Bulwer com propriedade descreveu esta obra, na Introdução, como um romance e um não romance, como uma verdade para aqueles que podem compreendê-la, e uma extravagância para aqueles que não o podem. O mais desatento ou prosaico dos leitores verá que a obra, como o enigmático *Fausto*, trata de tipos e símbolos; que a intenção do autor é sugerir à mente algo mais sutil e impalpável que aquilo que está materializado aos sentidos. Quanto ao que é esse algo, dificilmente duas pessoas concordarão. A interpretação mais óbvia dos tipos é: em Zanoni, o autor apresenta-nos um retrato da humanidade, aperfeiçoada, sublimada, que vive não pelo eu, mas pelos outros; em Mejnour, como já dissemos, um retrato do intelecto frio, desapassionado e autossuficiente; em Glyndon, o jovem inglês, a mescla de força e fraqueza da natureza humana; no desalmado e egoísta artista Nicot, o ateísmo gélido, brutal, que não crê em nada, não espera nada, não confia em nada nem ama nada; e na bela, ingênua Viola, uma criação primorosíssima, pura feminilidade, amorosa, confiante e sincera. Enquanto obra de arte, este é um romance poderoso. É original em seu conceito, e imbuído de uma ideia central; mas ter-se-ia beneficiado, cremos, de um uso mais módico do sobrenatural. O efeito inevitável da presença de tantos clichês relativos às artes mágicas – de tamanha profusão de prodígios sobre prodígios – acaba por esmaecer a impressão que tais eventos naturalmente nos causaríamos. Nos

contos de Hawthorne vemos com que naturalidade uma grande imaginação artística pode produzir uma excitação mais profunda com o uso muito mais sóbrio do estranho e do misterioso.

O principal interesse da história para o leitor comum reside não nas personagens fantasmagóricas e no aparato improvável, nas cenas que se passam nos aposentos de Mejnour no castelo em ruínas nos Apeninos, nas aparições colossais e aterradoras sobre o Vesúvio ou no horrendo fantasma de olhos flamejantes que assombrava Glyndon, mas nos amores de Viola e no misterioso Zanoni, nos acontecimentos felizes e assombrosos que eles vivenciam, e em seu destino final, quando o herói da história sacrifica sua própria “vida abençoada” para salvar a dela, e o Imortal encontra a única e verdadeira imortalidade na morte. Dentre as passagens mais impressionantes da obra encontram-se o esboço patético do velho violinista e compositor Pisani, com seu “barbiton”<sup>[1]</sup> congenial que gemia, grunhia, rosnava e ria em resposta aos sentimentos de seu mestre; a descrição do triunfo de Viola e de seu pai quando *A Sereia*, obra-prima do último, é tocada no Real Teatro di San Carlo, em Nápoles; a aventura de Glyndon no Carnaval de Nápoles; a morte da irmã deste; os retratos vívidos do Reinado do Terror em Paris, que se encerra com a queda de Robespierre e seus satélites; e talvez, acima de todas, a cena instigante em que Zanoni deixa a adormecida Viola na prisão quando os guardas o chamam à execução, e ela, inconsciente do terrível sacrifício, mas sentindo a falta do amado ao despertar, tem uma visão da procissão à guilhotina, com Zanoni ali, radiante de juventude e beleza, seguida do súbito desaparecimento do algoz, o horror, e as “Boas-Vindas” a seu amado no Paraíso, com uma miríade de melodias dos coros das hostes superiores.

*Zanoni* foi originalmente publicado pela Saunders and Otley, Londres, em três volumes duodécimos, no ano de 1842. Uma tradução para o francês, realizada por M. Sheldon sob a direção de P. Lorain, foi publicada em Paris na “Bibliothèque des Meilleurs Romans Étrangers”.<sup>[2]</sup>

---

W. M.

1 Instrumento musical grego, de cordas; uma variação da lira. (N. da T.)

2 Biblioteca dos Melhores Romances Estrangeiros. (N. da T.)

## Prefácio à edição de 1853

Enquanto obra de ficção, *Zanoni* talvez esteja entre as maiores de minha prosa ficcional. No *Poem of “King Arthur”* [Poema do “Rei Artur”], publicado muitos anos depois, adotei um intento análogo, na contemplação de nossa vida positiva por meio de um veículo espiritual, e enfatizei, através de um desenvolvimento mais vasto e, creio eu, com êxito mais cabal e duradouro, aquela harmonia entre os acontecimentos exteriores que são tudo quanto as pessoas superficiais discernem na superfície dos assuntos humanos, e os poderes e influências operantes, sutis e intelectuais, que na realidade influenciam a conduta dos indivíduos e moldam os destinos do mundo. Como o homem tem duas vidas – aquela da ação e aquela do pensamento – considero tal obra como a representação mais genuína da humanidade, que retrata fielmente a ambas aquelas vidas e permite alguns vislumbres inspiradores dos mais sublimes mistérios de nosso ser ao estabelecer a inevitável união existente entre as coisas simples do cotidiano, nas quais nosso corpo terreno desempenha o papel que lhe cabe, e as latentes, em geral incultas e invisíveis, afinidades da alma com todos os poderes que eternamente respiram e se movem pelo Universo do Espírito.

Àqueles que me derem a honra de ler *Zanoni* com maior atenção do que a dedicada aos romances comuns, remeto-os ao *Poem of “King Arthur”*, para uma conjectura sugestiva no tocante à maioria das áreas de pesquisa especulativa afetas à condição superior e mais importante de nosso ser último, às quais se dedicaram os estudantes da filosofia imaterial de meu próprio tempo.



Junto à “Nota” com que esta obra se encerra, a qual trata das distinções entre tipos e alegoria, o leitor encontrará, da pena de um dos mais proeminentes escritores vivos de nossa época, uma tentativa genial de explicar os significados interiores ou típicos do trabalho que ora tem em mãos.

## Introdução

É possível que, dentre meus leitores, haja uns poucos que tenham conhecimento de uma velha livraria, que existe já há alguns anos nos arredores de Covent Garden. Digo uns poucos, pois certamente pouco havia que atraísse as multidões naqueles preciosos volumes que a labuta de uma vida acumulara nas estantes poeirentas de meu velho amigo D\*\*\*. Ali não se encontrariam tratados populares, nem romances de entretenimento, tampouco histórias, viagens, “Biblioteca do Povo”, nem mesmo “Diversão para as Multidões”. Não obstante, ali, talvez, em toda a Europa, o curioso pudesse deparar com a mais notável coleção das obras do alquimista, do cabalista e do astrólogo já reunida por um entusiasta. O proprietário gastara uma fortuna na aquisição de tesouros invendáveis. Mas o velho D\*\*\* não desejava vendê-los. Afligia-o terrivelmente que um cliente entrasse em sua loja: ele observava os movimentos do intruso atrevido com um olhar furibundo e vingativo; saracoteava agitado em torno dele, com uma vigilância inquieta; franzia o cenho, grunhia quando mãos profanas desalojavam seus ídolos dos nichos. Se fosse uma das sultanas favoritas de seu harém mágico a atrair-te atenção, ó leitor, e o preço indicado não fosse suficientemente exorbitante, não raro ele dobraria o montante. Qualquer hesitação e, com um deleite animado, ele arrebatartea o venerável objeto de encanto das mãos. À concordância, ele transformava-se no retrato mesmo do desespero – não raro, na calada na noite, ele bateria à tua porta implorando que lhe fosse

vendido de volta, nas tuas condições, aquilo que tão odiosamente compraste a ele. Acreditando ele mesmo em seus Averroës<sup>[1]</sup> e Paracelsos,<sup>[2]</sup> era tão relutante como os filósofos que estudava em transmitir aos profanos o conhecimento que agregara.

Ocorreu que, alguns anos atrás, nos dias de minha juventude, tanto na escrita como na vida, tive o desejo de conhecer a verdadeira origem e as doutrinas daquela seita singular cujos membros são conhecidos pelo nome de rosa-cruzes. Insatisfeito com os relatos parcos e superficiais encontrados nas obras comumente referidas sobre o assunto, ocorreu-me a possibilidade de que a coleção do sr. D\*\*\*, que era rica não só em textos impressos mas também em manuscritos, talvez contivesse alguns registros mais acurados e autênticos daquela famosa fraternidade, escritos – quem sabe? – por um membro da própria ordem, e que confirmassem, por autoridade e por seus detalhes, as pretensões à sabedoria e à virtude que Bringaret arrogara aos sucessores do caldeu e do gimnosofista.<sup>[3]</sup> Assim, voltei ao que, sem dúvida eu deveria ter vergonha de confessar, já foi um de meus lugares prediletos. Contudo, não há, nas crônicas desta nossa própria época, falácias e erros tão absurdos como os dos alquimistas do passado? Nossos jornais mesmos talvez venham a parecer à posteridade tão repletos de ilusões como os livros dos alquimistas nos parecem a nós; exceto pelo fato de que a imprensa é o ar que respiramos – e anormalmente nevoento também é o ar!

Ao adentrar na loja, fiquei impressionado com a aparência veneranda de um cliente a quem eu nunca havia visto ali antes. Fiquei ainda mais impressionado com o respeito com que ele era tratado pelo desdenhoso colecionador.

– Senhor – exclamou o livreiro enfaticamente, enquanto eu virava as folhas do catálogo –, senhor, és o único homem que conheci, nos 45 anos que dediquei a estas pesquisas, digno de ser meu cliente. Como, onde, nestes tempos de frivolidade, con-

1 Nome latino de Ibn Rushd, filósofo, jurista e médico árabe nascido na Espanha. Viveu no século XII e, entre outras coisas, era partidário da filosofia aristotélica. (N. da T.)

2 Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493-1541), que adotou o pseudônimo de Paracelso (superior a Celso, médico romano), foi um médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista suíço-alemão. (N. da T.)

3 Qualquer asceta de uma antiga seita hinduísta, o qual vestia pouca ou nenhuma roupa e dedicava-se à contemplação mística. (N. da T.)

seguiste adquirir conhecimento tão profundo? E essa augusta fraternidade, cujas doutrinas, insinuadas pelos antigos filósofos, ainda são um mistério aos filósofos atuais; dize-me se existe de fato sobre a terra um livro, um manuscrito, em que aquelas descobertas, aquelas doutrinas possam ser aprendidas?

Não preciso dizer que, às palavras “augusta fraternidade”, minha atenção já havia sido capturada, e eu ouvia avidamente, aguardando a resposta do estranho.

– Não creio que os mestres da escola tenham jamais consignado suas reais doutrinas ao mundo, exceto por insinuações obscuras e parábolas místicas – disse o idoso cavalheiro. – E não os culpo por sua reserva.

Nisso ele fez uma pausa, e parecia prestes a ir embora quando eu disse, algo abruptamente, ao colecionador:

– Não vejo nada neste catálogo, sr. D\*\*\*, que esteja relacionado aos rosa-cruzes!

– Os rosa-cruzes! – repetiu o idoso cavalheiro, que, por sua vez, analisou-me com cautelosa surpresa. – Quem senão um rosa-cruz poderia explicar os mistérios rosa-cruzes! E haverias de imaginar que algum membro daquela seita, a mais zelosa dentre todas as sociedades secretas, levantaria o véu que oculta a Ísis de sua sabedoria ao mundo?

*Arrá!*, pensei eu, *então essa é “a augusta fraternidade” de que tu falavas. Que os céus sejam louvados! Certamente dei de topo com um membro da fraternidade.*

– Mas – disse eu, em voz alta –, se não em livros, senhor, onde mais hei de obter informações? Nos dias de hoje, não se pode arriscar a publicação de nada sem autoridade, e mal se pode citar Shakespeare sem apontar o respectivo capítulo e o verso. Esta é a era dos fatos, a era dos fatos, senhor.

– Bem – tornou o velho cavalheiro, com um sorriso agradável –, se nos encontrarmos novamente, talvez eu possa ao menos direcionar tuas pesquisas à fonte de informações apropriada.

E, com tais palavras, ele abotoou o pesado sobretudo, assoviou para o cão, e partiu.

E aconteceu que eu de fato tornei a encontrar o idoso cavalheiro, exatamente quatro dias após nossa sucinta conversa na livraria do sr. D\*\*\*. Eu cavalgava lentamente rumo ao distrito